

ENSAIOS

A SOFISTICAÇÃO ORGANIZACIONAL EXPLICADA PELO ENFOQUE CONTINGENCIAL

Angelo Pêpe Agulha*

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns fundamentos da Escola Sistêmica e sua visão das organizações, sob a ótica de alguns estudiosos que reuniram seus principais expoentes. No final lança um questionamento da postura acadêmica frente a realidade do campo de atuação dos administradores de empresas.

Palavras-Chave: Organizações – Teoria – Administração de Empresas

O ENFOQUE SISTÊMICO

A Teoria Geral de Sistemas, desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy (in KAST & ROSENZWEIG, 1976), além de toda a contribuição promovida nos vários campos científicos, encaixou-se de maneira muito apropriada ao campo da administração, adequada ao momento histórico de sua publicação.

Partindo de sua aplicabilidade e adaptação, alguns autores como Kast & Rosenzweig (1976) apresentam o enfoque sistêmico apoiados nos estudos de outros autores como Boulding que divide esta teoria em alguns grandes grupos como os sistemas de primeiro nível ou das estruturas, os de segundo nível ou dinâmicos simples, os sistemas de nível termostato, sistema aberto, genético-social, teleológico ou animal de autoconsciência, sistemas de nível humano, sistemas sociais e sistemas transcendentais.

Para o desenvolvimento e difusão da Teoria Geral de Sistemas foi fundamental a abordagem funcionalista em sua convergência em termos de estruturas, processos e funções na busca da identificação e compreensão das relações existentes entre esses componentes, tornando-se a própria “*estrutura da antropologia moderna*” (RADCLIFFE-BROWN apud KAST & ROSENZWEIG, 1976).

Talcott Parsons iniciou as primeiras conexões entre a aplicabilidade destas teorias da sociologia no campo organizacional. O próprio movimento holístico, com utilização mais acentuada atualmente, também tem suas origens na visão sistêmica, pois em oposição ao elementarismo, o holismo defende que o todo não é simplesmente a soma das partes, caracterizando uma acentuada interação entre todas as partes dos sistemas.

* Mestrando em Administração, Especialista em Marketing pela UNIFACS, Administrador de Empresas, Professor e consultor.

No campo organizacional, o termo sistemas tem sido largamente utilizado para definir métodos de análise científica, alusão as definições de Bertalanffy, adotadas por Simon, assim como Homans definiu em três os elementos dos sistemas sociais, a saber: atividades, interações e emoções. Já Selznick de maneira mais aprofundada abrange os conceitos sistêmicos e as análises funcionais estruturais (KAST & ROSENZWEIG, 1976).

Os sistemas, genericamente, podem ser classificados em fechados e abertos. Há uma forte tendência dos sistemas fechados de caminhar para o equilíbrio estático e entropia, termo originário da termodinâmica que significa o poder de atração a uma situação caótica ou aleatória. As organizações em geral são sistemas abertos, pois implica em um contínuo processo de entrada, processamento e saída, justificando a existência da organização em si. Além destas características, observa-se a característica sociotécnica estruturada das organizações subdivididas em sub-sistemas: técnico, tecnológico, estrutural, psicossocial e administrativo. Há ainda outras características dos sistemas organizacionais destacadas pelos autores como planejados, inseridos em fronteiras, hierárquicos, possuidores de entropia negativa, de equilíbrio dinâmico, de realimentação, de mecanismos de ajuste e manutenção e de desenvolvimento por elaboração interna. Os sistemas abertos devem possuir também equifinalidade, pois mesmo partindo de princípios diferentes e mesmo percorrendo diferentes caminhos o sistema tende a chegar a um único fim. Parsons distingue três níveis administrativos na estrutura hierárquica: o nível técnico, o nível organizacional e o nível institucional onde administrador irá exercer diferentes papéis, de acordo com seu nível de atuação.

AS ORGANIZAÇÕES E O QUESTIONAMENTO DE SEU PAPEL.

Ao fazer uma leitura crítica destas abordagens, inicialmente pude constatar que a contextualização da Teoria Geral de Sistemas no universo administrativo, se encaixa à Escola Contingencial, pois cronologicamente, uma servia de pano de fundo à outra, dando-lhe suporte teórico com o mérito de justificar a interdissiplinaridade da Teoria Organizacional, à luz de sua multiplicidade de fatores de influências e interferências.

LORSCH & LAWRENCE (1973) ao reunir os principais nomes que influenciaram a Escola Contingencial, reforça este meu ponto de vista, pois todos os autores citados, com suas contribuições de pesquisas justificam em parte a dicotomia reinante entre a Escola Clássica e a Escola Comportamental até os anos 50, no campo da administração.

A partir destes estudos, de forte influência Fordista, é que conseguimos alcançar o estágio atual de desenvolvimento das teorias de administração.

Entre os principais estudos apresentados, me atentei especialmente ao manuscrito inédito de Fouraker (LORRSCH & LAWRENCE, 1973: 216), por apontar uma questão relativamente simples, mas fundamental, como propulsor de uma vertente moderna de administração que tem como Porter (1986) em suas teses sobre planejamento estratégico a fonte originária do dilema empresarial e a difusão de sua cultura através dos tempos.

Outro estudo contundente, em minha opinião, é o de Leavitt (1962) quando ele consegue, por meio de sua pesquisa, identificar meios de comunicação internos como fatores críticos para o bom desempenho organizacional, principalmente face ao crescente dinamismo do ambiente empresarial contemporâneo.

Uma consideração final que me suscitou da análise deste tema é em que medida seria importante a difusão mais acentuada destes pensamentos nos meios empresariais, relativamente fechados aqui no Brasil, como fator de embasamento para tantas decisões e atitudes administrativas sem o devido suporte conceitual, ou seja, por meio de muito sentimento pessoal e carregado de parcialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAST, Fremon & ROSENWEIG, James. **O conceito moderno: o enfoque sistêmico**. São Paulo: Pioneira, 1976.

LEAVITT, H. J. Unhuman organizations. **Harvard Business Review**, July/Aug. 1962, p. 90-98.

LORSCH Jay & LAWRENCE Paul. Contribuição para uma Teoria da Contingência das Empresas. **As empresas e o ambiente**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MARCH, James & SIMON, Hebert. A teoria do equilíbrio da organização. IN ETZIONI, Amitai (Org.). **Organizações complexas**. São Paulo: Atlas, 1967.

PORTER, Michael. **Competition in Global Industries**. Boston: Harvard Business School, 1986.